

**De:** Manuel J Louro (FJ53057) <manuel.j.louro@tribunais.org.pt>

**Enviada:** 13 de julho de 2023 23:15

**Para:** SFJ <sfj@sfj.pt>

**Assunto:** ASSEMBLEIA GERAL

Caríssimos colegas e amigos,

Muito havia para dizer, mas o tempo passou, é tarde e, verdadeiramente, estou algo desacreditado connosco e com o sistema.

No entanto, e ainda que ache inúteis estas palavras, devo este momento de reflexão a quem me foi ouvindo ao longo destes últimos 6 meses.

## **QUESTÃO PRÉVIA**

Para vocês que são a direção serei apenas ruído, mas desenganem-se. Estou e estarei do vosso lado. Assim, porque acredito que os OJ não são nada sem os seus órgãos representativos. E porque no decorrer destes mais de 20 anos de associativismo sindical estive sempre do mesmo lado.

Como noutro lado disse, sou sócio de sindicato e, nestes últimos 24 anos, participei em todos os congressos do SFJ (desde o Fundão), fui eu que lancei o repto da formação de OJ no seio do SFJ, participei na maioria das festas de Natal e de fim de ano organizados pelo SFJ, tenho as quotas em dia em nunca precisei de usufruir dos serviços do SFJ.

Digo isto, não para dizer que a relação é apenas num sentido, mas para dizer que a relação é sinalagmática, ou seja, contribuo com o que posso para esta relação, esperando que do lado de lá me oiçam e que, a todo o momento, ajam na defesa dos direitos da classe e, por conseguinte, dos meus.

É neste sentido, como sócio interessado, que tenho sido algo crítico com algumas das opções (e até falta delas) do SFJ.

Faço-o no intuito de ajudar, embora nem sempre o consiga. Assim, porque desse lado não há feedback. Ou seja, há uma ideia de que a direção é soberana (confundindo-se até com autoritária). É verdade, mas a democracia faz-se da discussão. E se alguém dirige uma comunicação, uma crítica à estrutura sindical da qual é associado, espera uma resposta, um esclarecimento e jamais um silêncio ensurdecedor, expressão que é usada precisamente pelo SFJ noutro contexto e como crítica.

Já o disse noutro local e reafirmo: Se os elementos da direção estão aí e eu estou aqui só quer dizer que vocês se sujeitaram ao escrutínio, mas também à responsabilidade de ouvir e responder e eu afastei essa hipótese. A história da nossa relação explica isso. Fui sendo convidado para isto e para aquilo, fui recusando os convites, mas estive sempre presente quando foi necessário e quando precisaram de mim. Não sou eu que estou em falta.

Critiquei ações, mas nunca disse mal, nem de dirigentes, nem de ex-dirigentes, e tenho pena de ouvir verdadeiros impropérios de membros próximos da direção do SFJ relativamente a ex-dirigentes. Enfim, é o que é e não estou aqui para falar disso.

### **DA FALTA DE ESTRATÉGIA, o que já passou...**

Como os que estão atentos bem sabem, critiquei o SFJ pela falta de estratégia ao longo destes últimos 6 meses, falta de estratégia que foi gritante nos primeiros meses de luta, senão vejamos:

- i) Concordei *tout court* com a greve aos atos, quer quanto à tempestividade do seu anúncio, quer quanto à forma. Acontece que pouco tempo antes do seu início, sem ninguém saber porquê e sem que até hoje tenha sido dada qualquer explicação, caiu o ato de aprovação das notas de honorários aos senhores advogados.  
Pouco interessam as razões. Até podem ter sido válidas, o certo é que não foi dada qualquer explicação.
- ii) Depois, o SFJ, ainda que advertido para tal, e como se impunha, não constituiu uma espécie de gabinete de crise que respondesse cabalmente às questões dos OJ. A greve acabou por correr bem por razões que aqui não interessa esmiuçar e que nada tiveram a ver com a motivação e galvanização que se impunha dessa estrutura sindical, quer pela desinformação, quer pela falta de presença, quer por não ter qualquer estratégia nesse sentido durante os meses de greve aos atos.  
Apesar de assim se impor e até de se implorar, não houve movimentos de rua além de uma marcha de simpatia. O SFJ apenas foi reagindo quando se impunha uma ação.
- iii) Do ponto de vista da comunicação com a comunicação social e como também já tive oportunidade de o referir, o SFJ esteve bem.
- iv) Excelente foi também a ideia de ouvir os sócios em cada uma das Comarcas sobre o caminho a seguir. Já não tão bem esteve o SFJ em não aceitar a vontade da maioria e impor uma forma diversa de luta, pouco interessando discutir as razões que levaram a essa tomada de decisão, afastando-se completamente uma ideia paternalista do SFJ para com os seus associados por não corresponder minimamente à verdade.
- v) A greve dos 7 dias foi fantástica. Ideia boa, com coragem, resultou bem, e até os que não fizeram greve se sentiram incomodados.
- vi) Veio a greve às horas e a confusão foi total. Numa primeira fase, o SFJ fez passar a msg que cada “secção” de cada núcleo escolheria, semanalmente,

em função das diligências que tinha, o melhor dia para fazer greve. A informação passou, assim foi recolhida e saiu uma greve completamente nova, em que todos os que não foram esquecidos, estavam de greve, todos os dias, às horas que o SFJ muito bem entendeu relativamente a cada um dos núcleos. Foi lamentável, e demonstrou falta de preparação e falta de estratégia.

- vii) Esta greve é o que é. Curiosamente tem dado alguma visibilidade, mas para quem conhece os tribunais bem, percebe que é uma greve de serviços mínimos suportada por meia dúzia de teimosos a quem dirijo um abraço especial.

Concluindo, o SFJ foi mandando umas ideias cá para fora, não sujeitas a discussão, umas muito boas e outras francamente más, agiu por contra própria sem dar qualquer explicação e foi reagindo como pode, ao sabor do vento, sem pensar muito nas consequências dos seus atos (principalmente para os seus associados). Assim, porque não havia um plano estrategicamente concebido.

Não havia e não há!

## **O QUE AÍ VEM....**

Não sabemos muito bem o que aí vem. Alguns já tem uma ideia, outros até mais que isso.

Mas o que é preocupante é que não há nada definido da nossa parte.

Extraordinária foi a ideia da Assembleia Geral. Lá estaremos mais uma vez.

Aguardamos que:

- i) Seja aprovada o reinício a greve aos atos, com novos e velhos atos;
- ii) A constituição de um gabinete de informação para acolher ideias, ouvir e responder aos sócios;
- iii) Seja designado um dia para realização de um grande plenário em local a designar (LISBOA). Plenário de OJ e não de dirigentes sindicais (como o de Lisboa e não como o de Santarém). E um dia é um dia e não umas horas. Bem preparado e bem planeado e não montar as coisas à pressa na véspera.
- iv) Seja convocada uma marcha simbólica do ponto A ao ponto B (exemplo: da escola prática de cavalaria à estátua do Salgueiro Maia e regresso, seguida de um grande plenário na Praça Mongoa da EPC.
- v) Faz algum sentido marcar mais duas concentrações deste género, uma no Porto e outra em Faro, com viagem da CP devidamente organizada.

- vi) Lançar um debate público sobre “O futuro que queremos para a justiça”, convidando a participar TODOS OS AGENTES E OPERADORES JUDICIÁRIOS.
- vii) Constituição de um grupo de trabalho para discutir o que queremos verdadeiramente para o nosso estatuto, com ideias realistas e exequíveis, ou seja, verdadeiramente passíveis de aceitação por parte da administração.  
Para o efeito, devemos ter presente que NÃO PODE ser coartado o acesso ao grau de complexidade 3 **para ninguém**, mas podem ser exigidos pressupostos razoáveis para a passagem a esta categoria, compaginados com um período razoável para o OJ visados decidirem o que é melhor para si, associado a um incentivo para quem, de livre vontade, reunindo determinadas condições, possa ingressar antecipadamente na reforma. Obviamente que para futuros concursos o ingresso seria GC3 e Licenciatura (não obrigatoriamente em Direito).
- viii) Outras ideias que possam resultar da AG.

Muito mais haveria para dizer, mas tenho receio de melindrar alguém. É que alguns feitos são feitos de cristal.

Acho que não estamos a aproveitar devidamente esta onda. Estou cansado e não posso deixar de pensar que estou a perder o meu precioso tempo (e dinheiro) para nada.

Abraço a todos e até amanhã.

Manuel Louro